

## ENSINO, SAÚDE E AMBIENTE

### Construção de um Material Educativo para o ensino da Tanatopedagogia na escola

*Construction of an educational material for the teaching of tanatopedagogy in school*

**Bruna Tadeusa Genaro Martins de Oliveira<sup>1</sup>; Marcia Maria de Medeiros<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Mestre em Ensino em Saúde pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) – bruna.genaro.martins@gmail.com/ORCID: 0000-0001-5655-3278

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora adjunta da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e professora permanente do Programa de Mestrado Profissional em Ensino em Saúde da UEMS - medeirosmarciamaria@gmail.com/ORCID: 0000-0002-1116-986X

Recebido em Novembro/2018. Publicado em Abril/2020

**Palavras-chave:**

Tanatologia.  
Tanatopedagogia.  
Ensino em Saúde.

**RESUMO:** Este artigo descreve os processos de uma pesquisa de Mestrado em Ensino em Saúde, a qual buscou elaborar um material educativo para auxiliar professores(as) a conduzirem discussões sobre a morte nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Tal estudo foi proposto devido à relevância de se abordar educativamente esta temática no contexto escolar e reconhecendo a complexidade que envolve esta tarefa, bem como a escassez de cursos e ferramentas que subsidiem os(as) profissionais da educação neste sentido. Consideramos que o trabalho realizado traz importantes contribuições aos campos do ensino e da saúde, ao passo que aproxima ambos os setores pela proposta de fomentar e facilitar processos de ensino-aprendizagem sobre uma temática que traz implicações para a saúde mental das pessoas em todas as idades. Portanto, o presente artigo objetiva apresentar as etapas de tal investigação e seu resultado, o livro intitulado *Por que, quando e como falar sobre a morte na escola: material de apoio ao(a) professor(a) dos anos iniciais do Ensino Fundamental*.

**Keywords:**

Tanatology.  
Tanatopedagogy.  
Health Education.

**ABSTRACT:** This article describes the processes of a Master's research in Health Teaching, which sought to develop a material to help teachers conduct discussions about death in the first years of Elementary School. This study was proposed considering the importance of approaching this issue educationally in the school and recognizing the complexity involved in this task, as well as the lack of courses and tools that subsidize education professionals in this regard. We consider that this work carried out brings important contributions to the fields of education and health, while approaching both sectors by the proposal to foster and facilitate teaching-learning processes on a thematic that has implications for the mental health of people in all ages. Therefore, the present text aims to present the stages of such research and its result, the book entitled *Por que, quando e como falar sobre a morte na escola: material de apoio ao(a) professor(a) dos anos iniciais do Ensino Fundamental*.

## INTRODUÇÃO

Por que falar sobre a morte? Qual a importância de se falar a respeito dessa temática com crianças? A escola deve abrir espaço para tal? É propício abordar o assunto já nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Como fazê-lo? Os(as) professores(as) têm subsídios e recursos para conduzir discussões sobre os fatos relacionados ao morrer? Estas indagações orientaram o percurso investigativo descrito no presente artigo, portanto, merecem esclarecimento a partir dos estudos que embasaram suas respostas.

Para prosseguirmos em direção a tal compreensão, é imprescindível ressaltar que, desde que o ser humano se tornou capaz de prever o próprio fim, ele se empenha para suprimir este conhecimento indesejado, lançando mão de diferentes artifícios psicológicos para afastar e se defender da ideia da morte (ELIAS, 2001).

Elias (2001) aponta que, inicialmente, o meio predominante de lidar com esta noção angustiante eram as fantasias coletivas, e nos dias atuais, este processo se utiliza das fantasias pessoais de imortalidade, uma crença inconsciente que afirma: “os outros são passíveis de morrer, mas eu não”.

Esta crença é fortalecida nos filmes e desenhos animados, em que as personagens escapam ilesas às situações inusitadas de perigo e, por outro lado, o contato frequente com a violência e desastres, nos noticiários da televisão e internet, acabam por reforçar esta fantasia gerando uma ideia que banaliza a morte, já que ela invade nossos lares a todo o momento e não há uma reflexão a respeito (PAIVA, 2011).

As ideias de imortalidade e morte banalizada nos permitem continuar negando a nossa própria finitude, mas não nos tornam imunes a ela e ao sofrimento que nos causa quando vivenciamos uma perda, seja ela qual for: a de um ente querido, o fim de um relacionamento, etc.

O medo é a resposta psicológica mais comum diante da morte (KOVÁCS, 2008). Contemporaneamente, o medo da morte é experimentado com mais intensidade, pois, de modo geral, os últimos dias da existência são vividos solitariamente, de modo mecânico e desumano em um hospital e não mais no ambiente familiar, como se procedia há cerca de três séculos (KÜBLER-ROSS, 1996).

Em defesa a este sofrimento, evitamos falar e refletir sobre o fato inexorável de que iremos todos morrer. Este recalçamento social e individual da morte tem como consequência a relutância dos adultos diante da aproximação das crianças com a temática e, assim, não se fala abertamente com os pequenos sobre a sepultura, os vermes, o morrer e seu pesar, tirando seu lugar diante da morte e ocultando deles um fato da vida que experimentarão e terão que conhecer e compreender (ELIAS, 2001).

Na tentativa de proteger as crianças da dor, impedimo-las de olhar para esta realidade da existência humana e acabamos reforçando a dificuldade em lidar com as várias perdas e faltas que estes sujeitos terão de enfrentar ao longo da vida, já que a morte é sua maior representação (PAIVA, 2011).

De acordo com Paiva (2011) há os que alegam que este não se trata de um assunto pertinente para os pequenos, mas é por não saberem como abordar o tema e para se protegerem da própria ignorância e medo que preferem evitá-lo como se a morte não fizesse parte do universo infantil.

Entretanto, assim como a questão que infere a origem da vida, a questão que envolve o fim da existência se faz presente para as crianças e a elas se coloca cotidianamente de modo simbólico, através de circunstâncias como: o brinquedo que se quebra, o animal de estimação que se perde quando sai para passear, o amiguinho que se muda para outra cidade, as distâncias e ausências daqueles que amam, etc.

Mentir ou ocultar a verdade em relação a morte dos pequenos não é uma forma de protegê-los. Pelo contrário, quando nós negamos dar-lhes explicações sobre a morte e os fatos a ela relacionados podemos dificultar seu entendimento sobre o ciclo da vida, fazendo com que eles se sintam confusos e desesperançosos por não terem a quem recorrer quando enfrentam as primeiras perdas mais graves (PAIVA, 2011). Para além disso, o silêncio frente à morte tende a aumentar a ansiedade experimentada com este processo (KÜBLER-ROSS, 1996) trazendo implicações para a saúde mental das pessoas envolvidas.

Falar sobre a morte, mesmo quando ela ainda não se tornou uma experiência para as crianças, não lhes provocará dor, nem a aumentará (KOVÁCS, 2008). Além disso, esclarecer os infantes sobre ela é um modo saudável de fazer com que as crianças compreendam este fato como parte inevitável da existência humana, de modo que ele não seja necessariamente concebido e experimentado como algo terrível (GRZYBOWSKI, 2014).

Saber que as doenças, o sofrimento, os acidentes, as perdas e a morte fazem parte do viver, é o primeiro passo para a aceitação destes processos e permite a todos (jovens, idosos e crianças), tornarem-se mais compreensivos e ativos em face da vida (GRZYBOWSKI, 2014). Assim, pode-se dizer que a consciência da morte concede sentido à existência humana (PAIVA, 2011).

Nesta premissa baseia-se a Tanatopedagogia, que nada mais é do que uma proposta de educação sobre a realidade da morte e do sofrimento atrelada à educação para uma vida consciente e com qualidade (GRZYBOWSKI, 2014). Isto, pois, considera-se que o trabalho das questões tanatopedagógicas promove a quebra da resistência em pensar, falar ou saber sobre os temas que envolvem a morte e que fazê-lo propicia um conhecimento peculiar sobre este evento, ajudando as pessoas à ressignificarem o cuidado para consigo e com o mundo (GRZYBOWSKI, 2014).

Este pressuposto contribui para o desenvolvimento da resiliência, aqui entendida como sendo a capacidade de recuperação, reorganização, desenvolvimento e superação de obstáculos, apesar de acontecimentos desestabilizadores e condições desfavoráveis (SANTOS & MORERIRA, 2014). Além disso, este tipo de abordagem também favorece o processo de elaboração do luto e o reconhecimento de recursos afetivos, comportamentais e sociais para lidar com as hostilidades da vida.

Compreendemos que a escola é um dos espaços educativos no qual se aprende a decodificar as percepções do mundo e que, dentre as suas funções, ela tem o papel de formar cidadãos conscientes e críticos, capazes de interpretar sua realidade e transformá-la. De acordo com Torres (1999), a escola é um centro de intercâmbio social para o desenvolvimento das crianças. Assim, ela se constitui em um espaço

privilegiado de preparo para o enfrentamento do mundo a partir do qual deve ser possível repensar todos os aspectos constitutivos da vida, incluindo a sua finitude (PAIVA, 2011).

Quando a escola viabiliza a abordagem de questões tanatopedagógicas, criando a possibilidade de que toda a comunidade escolar possa trocar vivências, falar de seus sentimentos diante da morte, esclarecer dúvidas e formular novas questões a este respeito, ela permite que seus membros criem estratégias de enfrentamento da dor e que concebam novos sentidos para as perdas vivenciadas e para a própria vida (PAIVA, 2011; GRZYBOWSKI, 2014).

Assim, ao conceber a morte como um assunto relevante e que merece ser trabalhado educativamente, a escola também atua no sentido de promover e proteger a saúde mental dos(as) que nela ensinam-aprendem, configurando-se, portanto, em um espaço de educação para a vida e de cuidado para com ela: um espaço de educação para a saúde.

Torres (1999) acrescenta que a morte representa um desafio intelectual e afetivo às crianças desempenhando um impacto significativo em seu desenvolvimento cognitivo, devendo ser tema de discussões e reflexões na infância, especialmente entre a faixa etária que compreende os 5 e os 11 anos, período em que o conceito de morte está sendo adquirido pelos pequenos.

Discutir sobre o tema, portanto, é de suma importância, pois contribui para o alívio da ansiedade e da frustração, eliminando prováveis barreiras ao aprendizado escolar. Mas ao mesmo tempo, consiste em uma tarefa desafiadora, que envolverá uma pluralidade de concepções, opiniões, dificuldades, medos e experiências dolorosas, e neste percurso, a instituição escolar deve estar preparada para acolher as demandas que possam surgir, de modo a propiciar o devido suporte a quem necessitar.

Os(as) professores(as) desempenham um papel central neste processo, pois cabe a eles(as) conduzir as discussões sobre a morte na escola. Para que o ensino-aprendizagem sobre o tema se dê de forma positiva e significativa é necessário que estes(as) profissionais entendam a relevância de educar sobre a morte no contexto escolar, e sejam orientados sobre as diversas possibilidades de abordar o assunto além de contarem com os subsídios mínimos para executar este trabalho.

Diferentes recursos e metodologias podem ser úteis para realização desta tarefa. Na investigação realizada durante o Mestrado de Ensino em Saúde evidenciamos as potencialidades da Literatura Infantil enquanto um material que pode facilitar o processo de ensino-aprendizagem sobre a morte, por propiciar uma leitura do mundo através de outras perspectivas, entre elas, o entretenimento, a aventura estética e subjetiva e a reorganização de conceitos e vivências dos sujeitos envolvidos no processo da leitura (CADEMARTORI, 2010).

Entendemos que a Literatura Infantil pode oferecer respostas às indagações relacionadas à vida e à morte e que, por isso, pode ajudar as crianças a compreender suas perdas e a encontrar formas alternativas de se colocar diante delas, uma vez que o texto literário lhes permite acessar a realidade pelas vias da emoção, intuição, imaginação e sensibilidade (PAIVA, 2011).

Assim, reconhecendo a complexidade que envolve a tarefa de se educar sobre a realidade da morte, no contexto escolar, e considerando a escassez de cursos de formação sobre a temática e de materiais que subsidiem os(as) profissionais da educação no desenvolvimento deste trabalho, ressaltamos a importância da pesquisa aqui descrita, que resultou na elaboração de um material educativo para auxiliar professores(as) no ensino da Tanatopedagogia.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um relato das etapas de uma pesquisa de Mestrado em Ensino em Saúde, a qual foi submetida ao Comitê de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (CESH/UEMS) e obteve a aprovação de número 1.727.903 e CAAE 58548316.3.0000.8030, e cujo objetivo foi elaborar um material educativo para auxiliar professores(as) na condução de discussões sobre a morte, nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

Para sua realização e construção do material supracitado, foram coletados dados junto a onze graduandas do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Dourados, entre os meses de março e novembro de 2016.

Em um primeiro momento, estas estudantes participaram de entrevistas coletivas feitas a partir de um roteiro básico com duas questões norteadoras: 1) Falem sobre o tema da morte e apontem seus posicionamentos e sentimentos a este respeito; 2) Falem sobre a abordagem deste assunto com as crianças no contexto escolar, comentando as possíveis dificuldades deste processo. Posteriormente, elas produziram histórias destinadas ao público infantil e elaboraram planos de aula com orientações para o trabalho sobre a temática morte a partir da Literatura Infantil.

Também foi realizado um levantamento bibliográfico, no mês de novembro de 2016, para identificar obras literárias que pudessem favorecer discussões a este respeito, contando com o auxílio da ferramenta de pesquisa *online Google* e pelo acesso à catálogos virtuais de editoras brasileiras.

A busca inicial no *Google* se deu com a frase “Livro Infantil Sobre Morte”. Nos catálogos das editoras Rocco®, Saraiva® e Rovellet® foi utilizado o filtro pela categoria “Infantil”, para as duas primeiras, e “Literatura Infantil” para a última e, feito isto, procurou-se pelas palavras-chave “Morte”, “Luto” e “Perdas”.

Todo o material encontrado foi organizado pela ordem alfabética dos títulos em uma lista. Após a leitura da ficha técnica e da sinopse de cada livro, foram selecionados para um estudo completo somente aqueles considerados apropriados quanto ao tema, independente de tratarem do assunto de modo direto ou indireto, falando de doenças ou perdas simbólicas.

Para a análise dos dados obtidos com as entrevistas coletivas, utilizamos a Análise Temática a fim de descobrir os núcleos de sentido, expressos por meio de palavras, frases ou unidades de significação, que compuseram o discurso das participantes a respeito do objeto estudado (MINAYO, 2014).

Para tal, procedemos às três etapas que compõem este tipo de análise, conforme sugere Minayo (1998). Com a transcrição da entrevista em mãos, passamos à fase de pré-análise através da realização de uma leitura flutuante do texto, atividade que consiste no contato intenso com o material coletado a fim de apreender o conjunto das informações e elaborar alguns indicadores para orientar sua compreensão e interpretação (MINAYO, 2014).

Neste estágio inicial, foram grifadas as palavras e frases consideradas relevantes por expressar ideias referentes ao assunto em discussão. Assim, a partir das primeiras impressões e do sentido geral do discurso das participantes, o *corpus* da análise foi sendo composto, culminando no levantamento dos temas e categorias mais frequentes, considerados representativos do universo estudado e pertinentes para responder ao problema da pesquisa (MINAYO, 2014).

Na fase de exploração do material, em que se pretende buscar o núcleo de compreensão do texto em função do qual o conteúdo de uma fala se organiza (MINAYO, 2014), passamos à classificação de tais temas e categorias e, por meio da releitura do material, operando os recortes, agregando estes dados em unidades de análise, que ficaram assim definidas: 1) Concepções sobre a morte; 2) Atitudes diante da morte; 3) As crianças e a morte; 4) Multidimensionalidade da morte; 5) Morte como um tabu; 6) Morte e outras perdas; 7) Experiências pessoais de perda; 8) Educação para a morte; 9) Conceito de morte para as crianças; 10) Despreparo da comunidade escolar; 11) Resistência da família.

Após rever todas as unidades de análise, a fim de averiguar sua coerência interna e sua capacidade de representar os temas e categorias nelas agrupadas, comparamos cada uma sistematicamente e as contrastamos com o texto original. Este percurso interpretativo, delineado pelas considerações de Grzybowski (2014), Incontri (2014) e Neto (2014), direcionou a escolha dos assuntos que compuseram o material de apoio elaborado como resultado da pesquisa.

Para a análise das histórias infantis produzidas pelas participantes da pesquisa, realizamos uma leitura geral de cada texto, a fim de verificar a pertinência das temáticas abordadas nas narrativas e identificar possíveis erros gramaticais e ortográficos. Em momento posterior, observamos a estética e a ludicidade da linguagem utilizada nas produções para avaliar a sua potencialidade em retratar as faces da realidade da morte por meio do simbólico.

Prosseguimos com a revisão dos textos visando compreender se os mesmos apresentavam a possibilidade de ampliação das expectativas e referências sobre os fatos que envolvem o morrer, favorecendo, assim, a apreensão de novos conceitos e informações a este respeito (CADEMARTORI, 2010).

Para tal, apoiamo-nos nas considerações de Torres (1999) sobre os níveis de aquisição do conceito de morte e, a partir de uma análise do material com este olhar, estabelecemos o perfil etário do público ao qual cada narrativa se destinou. Nesta tarefa, também observamos as sugestões de Paiva (2011) sobre a adequação de narrativas à idade dos leitores aos quais elas se destinam, averiguando sua simplicidade e

possibilidade de contextualização e buscando por histórias que aguçassem a inteligência e a imaginação das crianças, ao passo que permitissem uma leitura reflexiva sobre a morte e o morrer.

Os planos de aula elaborados pelas participantes da pesquisa passaram por uma primeira caracterização, em que foram observados os seguintes aspectos: 1) Procedimentos metodológicos; 2) Recursos; 3) Tempo previsto para atividade; 4) Caracterização da atividade em individual ou coletiva; 5) Série/ idade indicada.

A partir daí, selecionamos aqueles que serviram de base para formular estratégias de trabalho apresentadas no material construído, levando em consideração a sua aplicabilidade e coerência com a concepção de educação inerente à proposta da Tanatopedagogia. Este contexto entende que o ato de educar transcende a visão tecnicista centrada na memorização de conteúdos e se aproxima de um fazer pedagógico diferenciado e mesmo contrário à forma tradicional de ensinar-aprender (INCONTRI, 2014; NETO, 2014). Dito de outro modo, a análise destes documentos foi feita a partir da compreensão das concepções educativas subjacentes às metodologias de trabalho sugeridas.

Para analisar as obras literárias encontradas pela ferramenta de pesquisa *online* e nos catálogos de editoras, realizamos a leitura de cada livro para classificar o tipo de abordagem da temática, ou seja, se a morte é apresentada de forma direta, por meio de metáforas ou falando de outras perdas.

Após, procedemos à avaliação da linguagem utilizada, considerando seus aspectos estéticos e gramaticais, e conferimos a apresentação gráfica das obras, atentando para a configuração visual geral dos textos e das imagens, seguindo as orientações de Cademartori (2010). Esta revisão pormenorizada dos livros objetivou garantir sua expressividade e legibilidade, considerando que serão destinados para leitores em diferentes níveis de alfabetização.

Para assegurar a qualidade dos mesmos observamos se sua leitura ajudaria as crianças a identificar e examinar percepções, situações e sentimentos sobre os temas que envolvem a morte e, a partir disso, formular novos conceitos a este respeito, bem como pensar a realidade deste fato por outros prismas (CADEMARTORI, 2010).

Esta análise foi possível buscando respostas às seguintes indagações sugeridas por Cademartori (2010): 1) Este livro ajudará as crianças a perceberem a força criativa das palavras e imagens por meio da forma como foi composto? 2) Os elementos da narrativa, como por exemplo, trama, tempo, espaço e personagens, podem ser apreendidos pelos pequenos leitores, com vivências limitadas devido a sua idade? 3) Este livro permite às crianças identificarem-se com as personagens e sua esfera de ação, ou está distante de sua realidade e vivências? 4) Este livro apresenta particularidades ou apenas reproduz chavões narrativos?

A definição da idade ideal dos leitores para cada obra obedeceu às indicações da própria editora e, quando esta não apresentava tal informação, seguimos os mesmos critérios aplicados às histórias infantis no tópico anterior, ou seja, observamos as considerações de Torres (1999) sobre o processo de aquisição do

conceito de morte e as sugestões de Paiva (2011) para a escolha de livros baseados na faixa etária de seus destinatários.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com o tratamento da entrevista coletiva obtivemos onze unidades de análise, conforme especificado anteriormente e, para fins de organização, estas foram agrupadas em três indicadores temáticos que ficaram assim compostos:

1) Por que falar sobre a morte: compreendendo as unidades de análise sobre as concepções e atitudes das sociedades ocidentais diante da morte, a fim de entender os processos que a tornaram um tema tabu, assunto temido e a ser evitado;

2) Quando falar sobre a morte: agrupando as unidades de análise que tratavam especificamente da temática em relação ao público infantil e incluindo a concepção e a premissa da Tanatopedagogia para defender que a introdução da educação para a morte no contexto escolar enquanto forma de promoção e garantia de saúde mental das crianças;

3) Como falar sobre a morte: concentrando as unidades de análise referentes às potencialidades e desafios postos à instituição de ensino na tarefa de educar as crianças para a morte.

Tais indicadores temáticos serviram de base para a construção teórica do material elaborado como resultado do processo investigativo aqui relatado, o qual recebeu o título: *Por que, quando e como falar sobre a morte na escola: material de apoio ao(à) professor(a) dos anos iniciais do Ensino Fundamental* (Figura 1).

Este produto final, que somou 88 páginas, ficou organizado em duas partes, das quais a primeira apresenta a justificativa à proposta de introdução da morte como um tema de discussão no ambiente escolar e ressalta a importância da abordagem educativa deste assunto para a garantia e promoção da saúde mental das crianças. Para isto, retoma a história das atitudes das sociedades ocidentais diante deste fato e explora a concepção de educação sobre/para a morte, apontando algumas especificidades em relação ao trabalho sobre o assunto com as crianças dos primeiros anos do Ensino Fundamental.

Figura 1: Material de Apoio resultado da pesquisa. Dourados/ MS, 2017.



**Fonte: Resultado da Pesquisa**

A segunda parte traz orientações relacionadas às possíveis formas de conduzir debates a respeito da morte e temas a ela relacionados, apresenta algumas histórias destinadas ao público infantil e sugestões de como trabalhá-las no contexto escolar. Para finalizar, disponibiliza uma lista de indicação de obras literárias que podem ser utilizadas para abordar a temática com crianças.

Conforme evidencia o Quadro 1, os indicadores temáticos 1 e 2 (por que e quando falar sobre a morte) foram contemplados na primeira parte do material de apoio, e o indicador número 3 (como falar sobre a morte) na segunda e última parte, trazendo com esta configuração os respectivos assuntos referentes às unidades de análise neles agrupadas e estes foram distribuídos em diferentes tópicos ao longo do texto, para facilitar a compreensão e a leitura do material.

Cabe ressaltar que os dados obtidos com a entrevista coletiva e, portanto, advindos das unidades de análise conglomeradas nos três indicadores temáticos supracitados, tão somente orientaram a construção do produto final, processo que se baseou na literatura científica sobre os assuntos. Para tal, identificamos as temáticas a serem abordadas no material de apoio e, em sua confecção propriamente dita, procedemos ao levantamento e estudo de produções teóricas a este respeito.

**Quadro 1 - Organização do produto final e distribuição dos indicadores temáticos e suas respectivas unidades de análise. Dourados/ MS 2017.**

	<b>Tópicos do Material de Apoio</b>	<b>Indicadores Temáticos</b>	<b>Unidades de Análise</b>
<b>Parte 1</b>	Por que falar sobre a morte?  Falando sobre a morte na escola	1. Por que falar sobre a morte	1. Concepções sobre a morte 2. Atitudes diante da morte 3. Morte como tabu
	A criança e a morte: quando iniciar o diálogo?  A morte e a literatura infantil	2. Quando falar sobre a morte	4. As crianças e a morte 5. Educação para a morte 6. Conceito de morte para as crianças
<b>Parte 2</b>	Para iniciar: a postura do(a) professor(a)  Algumas dicas para o adulto  Conhecendo ferramentas de trabalho	3. Como falar sobre a morte	7. Despreparo da comunidade escolar 8. Resistência da família 9. Multidimensionalidade da morte 10. Morte e suas perdas 11. Experiências pessoais de perda

**Fonte: Autoria própria.**

As histórias infantis e as propostas de trabalho obtidas com os documentos produzidos pelas participantes da pesquisa foram adicionadas à segunda parte do produto final, destinada à orientação e à apresentação de estratégias de abordagem do tema morte com crianças, respeitando a configuração previamente estabelecida.

Somaram-se 6 narrativas e 6 propostas de trabalho, as quais receberam o nome de “Ferramentas” (Figura 2) e foram caracterizadas quanto às temáticas de trabalho e quanto ao ano do Ensino Fundamental para o qual se destinam (Quadro 2). Assim, para cada história infantil tem-se o delineamento de um percurso para o desenvolvimento de atividades com as crianças, seguindo a lógica da educação para a morte conforme evidenciada por Neto (2014) e Incontri (2014), a qual não se restringe à memorização de conteúdos a respeito do tema, mas que corresponde a um fazer pedagógico que acolhe os interesses, as

curiosidades e as motivações dos que ensinam-aprendem sobre o assunto e possibilita que estes utilizem seus corpos, seus afetos e sentidos para este fim.

É importante destacar que, ao apresentar tais estratégias, não pretendemos fornecer receitas para a abordagem do assunto, mas sim que estas proposições devem ser revistas, considerando a particularidade do público ao qual será aplicada, e podem ser enriquecidas e adaptadas pela criatividade, pela percepção e pelas vivências pessoais de cada profissional a conduzir o trabalho.

**Figura 2: Exemplo de “Ferramenta” – estratégia de trabalho apresentada. Dourados/ MS, 2017.**



Fonte: Resultado da Pesquisa

**Quadro 2 - Apresentação das Histórias Infantis e caracterização das Ferramentas quanto às temáticas de trabalho e quanto ao ano do Ensino Fundamental. Dourados/ MS, 2017.**

	História Infantil	Temáticas de Trabalho	Ano
Ferramenta 1	A morte? É vida!	Perdas Valorização da vida Morte como parte do ciclo vital	2º e 3º

<b>Ferramenta 2</b>	Sabrina e seu temor à morte	Medos Cuidados com a Saúde Valorização da vida Morte como parte do ciclo vital Utilização do tempo.	2º e 3º
<b>Ferramenta 3</b>	Viagem às estrelas	Adoecimento Hospitalização Valorização da vida Morte como parte do ciclo vital Formas de representar a morte Crenças e concepções sobre o morrer Explicações fantasiosas para a morte.	4º e 5º
<b>Ferramenta 4</b>	A história de Joãozinho	Crenças e concepções sobre o morrer Valorização da vida Morte como parte do ciclo vital Rituais de despedida Lembranças	4º e 5º
<b>Ferramenta 5</b>	Mostarda	Valorização da vida Morte como parte do ciclo vital Utilização do tempo Cuidados com a saúde Lembranças	1º e 2º
<b>Ferramenta 6</b>	Lídia, o relógio e a morte	Utilização do tempo Crenças e concepções sobre a morte Morte como parte do ciclo vital	3º e 4º

**Fonte: Autoria própria.**

Por fim, 14 livros integraram a lista de indicação de obras que podem ser utilizadas na abordagem educativa relacionada a temática morte. Este acervo foi constituído observando os princípios didático-pedagógicos relativos ao trabalho a ser realizado junto aos(às) estudantes dos primeiros anos do Ensino Fundamental e está organizado segundo a ordem alfabética dos títulos dos livros.

Para a apresentação de cada obra, trazemos a imagem de sua respectiva capa e colocamos as devidas referências, como o nome do autor e tradutor, quando existente, a editora e o ano de publicação. Também fazemos alguns apontamentos sobre a narrativa, o tipo de abordagem da temática (direta, indireta, por meio de outras perdas, ou por metáforas) e indicamos o ano do Ensino Fundamental ou a faixa etária dos leitores, com o objetivo de auxiliar minimamente a escolha do texto mais adequado ao trabalho que o(a) professor(a) possa realizar. Entretanto, reconhecemos que antes de oferecer qualquer material às crianças é preciso avaliar sua pertinência às especificidades dos pequenos que o lerão.

O Quadro 3, apresentando a seguir, traz a relação dos livros que compõem o acervo e sua caracterização conforme descrito no parágrafo anterior. Cabe ressaltar que, para a diagramação e ilustração do produto final, contamos com a colaboração de uma profissional habilitada para este fim e que a mesma recebeu os devidos créditos pelo trabalho realizado.

**Quadro 3 – Caracterização do Acervo segundo o tipo de abordagem da temática e o ano do Ensino Fundamental/ idade das crianças para realização de leitura autônoma. Dourados/ MS, 2017.**

Livro	Tipo de Abordagem	Ano - Idade
A árvore das lembranças	Metáforas	A partir do 4º - 9 anos
A mulher que matou os peixes	Direta	A partir do 3º - 8 anos
A vida sem Léo	Indireta	A partir do 1º - 6 anos
Contos de enganar a morte	Direta	A partir do 3º - 8 anos
Contos de morte morrida	Direta	A partir do 3º - 8 anos
É assim	Direta	A partir do 1º - 6 anos
Harvey: como me tornei invisível	Direta	A partir do 2º - 7 anos
Para onde vamos quando desaparecemos?	Metáforas	1º e 2º - 6 e 7 anos
Menina Nina: duas razões para não chorar	Direta	4º e 5º - 9 e 10 anos
O coração e a garrafa	Direta	1º e 2º - 6 e 7 anos

O decreto da alegria	Indireta	A partir do 1º - 6 anos
O medo da sementinha	Indireta	A partir do 3º/ 8 anos
Só um minutinho: um conto de esperteza num livro de contar	Direta	1º e 2º/ 6 e 7 anos
Um gato tem 7 vidas	Metáforas	A partir do 2º/ 7 anos

**Fonte: Autoria própria.**

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A problemática que orientou o percurso investigativo aqui descrito emergiu com o reconhecimento da importância de se promover uma abordagem educativa da morte no contexto escolar e com a constatação das dificuldades que envolvem a realização desta tarefa.

Diante desta questão e da evidência de que são escassos cursos de capacitação ou instrumentos que forneçam subsídios para professores(as) desenvolverem este trabalho, aceitamos o desafio de construir um material de apoio à estes(as) profissionais e consideramos que o resultado desta empreitada traz contribuições para os campos do ensino e da saúde, à medida que aproxima estes dois setores com a proposta de fomentar e facilitar o ensino-aprendizagem de uma temática que tem implicações sobre a saúde mental das pessoas, viabilizando, assim, uma educação para a saúde a partir da Tanatopedagogia.

Como destacado previamente, não intentamos esgotar todas as possibilidades de se promover uma educação para a morte com a realização desta pesquisa, pois a morte é um fenômeno multidimensional, que envolve uma variedade de crenças e valores, e tal característica torna sua abordagem complexa, exigindo que particularidades regionais, históricas e culturais de alguns grupos e comunidades sejam consideradas. Ao fazer esta ressalva reforçamos o caráter orientador do material de apoio elaborado e reconhecemos a impossibilidade de operar generalizações a partir dele.

Salientamos a relevância de uma avaliação do resultado obtido a partir da ótica de professores e professoras no exercício de suas atividades. Fazê-lo consiste em uma importante etapa para a validação do material construído, o que sugerimos como intuito de futuras pesquisas, as quais poderão se beneficiar do caminho até aqui percorrido.

Também indicamos a possibilidade de se pesquisar estratégias para o trabalho da temática com estudantes de outras faixas etárias, inclusive nos cursos de graduação, ou que a proposta de ensinar-aprender sobre a morte a partir da literatura infantil se estenda a outros contextos, como por exemplo, unidades de atendimento à saúde, de modo a abranger um público diverso.

Por fim, salientamos que a Tanatopedagogia alarga as possibilidades de as pessoas reconhecerem recursos afetivos, comportamentais, sociais e culturais para lidar com situações adversas, consistindo, portanto, em um caminho para superação e enfrentamento de dificuldades e configurando uma oportunidade de se conceder novos significados à vida e produzir novas formas de cuidado para consigo, com os outros e com o mundo.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Tradução Priscila Viana de Siqueira. Ed especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p.290.

ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Tradução Luiza Ribeiro. 1 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2014. p.837.

CADEMARTORI, Ligia. *O que é literatura infantil*. 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2010. p. 78.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos seguido de Envelhecer e Morrer*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p.107.

GRZYBOWSKI, Przemyslaw Pawel. Tanatopedagogia. In: SANTOS, F. S. (Org.) *Tratado Brasileiro sobre Perdas e Luto*. São Paulo: Atheneu, 2014. p. 315-326.

INCONTRI, Dora. A morte e o luto, a criança e a escola: é possível integrar essas questões em uma educação desintegrada? In: SANTOS, F. S. (Org.) *Tratado Brasileiro sobre Perdas e Luto*. São Paulo: Atheneu, 2014. p. 341-345.

KÓVACS, Maria Júlia. (Org.) *Morte e desenvolvimento humano*. 5 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 253.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer*. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 299.

MEDEIROS, Marcia Maria. Concepções Historiográficas sobre a Morte e o Morrer: comparação entre a *ars moriendi* medieval e o mundo contemporâneo. *Outros Tempos*. 2008, vol. 15, n. 6, p. 152-172.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14 ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-ABRASCO, 2014. p. 269.

NETO, Florêncio Reverendo Anton Perdas e luto: uma experiência a trabalhar no contexto do educador. In: SANTOS, F. S. (Org.) *Tratado Brasileiro sobre Perdas e Luto*. São Paulo: Atheneu, 2014. p. 337-339.

PAIVA, Lucélia Elisabeth. *A arte de falar da morte para crianças. A literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores*. Ed digital. Aparecida: Editora Ideias e Letras, 2011.

SANTOS, Franklin Santana. (Org.) *Tratado Brasileiro sobre Perdas e Luto*. São Paulo: Atheneu, 2014. p. 493.

TORRES, Wilma da Costa. *A criança diante da morte: desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

## **SOBRE AS AUTORAS**

**BRUNA TADEUSA GENARO MARTINS DE OLIVEIRA.** Psicóloga pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Especialista em Ciências do Envelhecimento Humano pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e Mestre em Ensino em Saúde pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

**MARCIA MARIA DE MEDEIROS.** Bacharel em História pela Universidade de Passo Fundo (1996), mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1999) e doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (2006). Professora adjunta da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) nos cursos de Turismo, Química Industrial e Enfermagem. Professora permanente do programa de Mestrado Profissional em Ensino em Saúde da UEMS.